

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA DIFÍCIL EM TEMPOS DE NOVO HUMANISMO

REFLECTIONS ON THE TEACHING AND LEARNING OF BURDENING HISTORY IN TIMES OF NEW HUMANISM

*Giovana Maria Carvalho Martins**

RESUMO

As reflexões aqui apresentadas compõem a pesquisa que está sendo realizada no Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Londrina. A pesquisa situa-se no campo de investigação da Educação Histórica e abarca as discussões sobre o novo humanismo de Jörn Rüsen (2012, 2021) através do trabalho com a história difícil (burdening history), conceito desenvolvido por Bodo von Borries (2011). O foco deste presente texto é ponderar sobre a aprendizagem da história difícil do Holocausto em aulas de História e sobre o novo humanismo de Jörn Rüsen, entendendo que o Holocausto trouxe questões e paradigmas que vão além de seu tempo e que trouxeram consequências para a forma como se entendem os direitos humanos e a dignidade humana nos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: *História difícil. Novo humanismo. Educação Histórica.*

ABSTRACT

The discussions presented here are part of the research which is being carried out in the Doctorate of Education at the State University of Londrina. The research is located in the field of investigation of History Education, and encompasses reflections on the new humanism of Jörn Rüsen (2012, 2021) through the work with burdening history, a concept developed by Bodo von Borries (2011). The focus of this present text is to ponder on the learning of the burdening history of the Holocaust in History classes and on the new humanism of Jörn Rüsen, understanding that the Holocaust brought questions and paradigms that go beyond its time and brought consequences to the way in which we understand the human rights and human dignity today.

KEYWORDS: *Burdening history. New humanism. History education.*

Este texto é parte das discussões que estão realizadas na pesquisa no âmbito do Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Londrina. Tal pesquisa está situada no campo de investigação da Educação Histórica e busca discutir com alunos, em aulas de História, sobre o novo humanismo proposto por Jörn Rüsen (2012, 2021) através do trabalho com histórias em quadrinhos sobre o

* Professora da Rede Pública de Ensino do Município de Londrina-PR. Mestre e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: giovana.mcmartins@gmail.com

Holocausto, pautando-nos nas discussões da história difícil (*burdening history*) propostas por Bodo von Borries (2011).

Em linhas gerais, Rüsen (2015) entende o humanismo enquanto “um recurso fundamental e uma referência para a natureza cultural dos humanos na orientação da vida humana, bem como um alinhamento desta com o princípio da dignidade humana” (RÜSEN, 2015, p. 25). Já o novo Humanismo, para Rüsen, seria uma resposta aos desafios dos tempos recentes, em consonância com as experiências históricas dos séculos XIX e XX “e às exigências específicas por comunicação intercultural e por princípios fundamentais da orientação cultural contemporânea” (RÜSEN, 2015, p. 26), pois o autor faz “um apelo por um novo humanismo no mundo todo após a experiência histórica do Holocausto” (RÜSEN, 2008, p. 191).¹ Entendemos aqui “Holocausto” como o termo utilizado “para descrever a perseguição e assassinato sistemático de Judeus pela Alemanha Nazi e seus colaboradores, entre 1933 e 1945” (IHRA, 2019, p. 25).

HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA

A História, de acordo com Jörn Rüsen (2021, p. 3),

[...] é uma relação carregada de sentido entre passado, presente e futuro. Está baseada na experiência do passado, na interpretação que torna o presente compreensível, e abre uma perspectiva para o futuro. A história fornece uma orientação temporal nas e sobre as condições de vida do presente.²

De acordo com Rüsen, em entrevista a Gago (2016, p. 65), “para ensinar história é necessário alicerçá-la numa conexão entre o presente e o seu futuro e o passado”. A aprendizagem histórica dá as ferramentas necessárias para que as pessoas interpretem o passado e realizem esta conexão entre este, o presente e o futuro. Para Rüsen, os eventos históricos deveriam ser tratados na escola de maneira que eles tenham “significado para o presente e deveria (poderia) ser refletida a sua perspectiva futura” (GAGO, 2016, p. 165).

A presente discussão está alicerçada no campo da Educação Histórica, que

[...] apresenta possibilidades de pesquisas no campo do ensino da história nas escolas, das aprendizagens e, ainda, contribui com as inovações das metodologias de aulas. E, assim, propõe-se a observar as especificidades da “história que comporta as três maiores invenções da humanidade: o passado, o presente e o futuro de todas as pessoas e não somente dos heróis ou dos poderosos (SCHMIDT; GARCIA, 2008 *apud* SILVA, 2011).

¹ It is the intention of this article to confront a plea for a new world-wide humanism with the historical experience of the Holocaust (RÜSEN, 2008, p. 191).

² History is a meaningful interrelation between past, present, and future. It is based on the experience of the past, the interpretation of which makes the present understandable, and opens a perspective for the future. History provides a temporal orientation in and about the living conditions of the present (RÜSEN, 2021, p. 3).

No Brasil, o campo da Educação Histórica se desenvolve à luz das reflexões do pesquisador alemão Jörn Rüsen, e muitos conceitos desenvolvidos por ele são utilizados nas pesquisas realizadas neste campo. Além disto, a Educação Histórica “parte do entendimento de que a História é uma ciência particular, que não se limita a considerar a existência de uma só explicação ou narrativa sobre o passado, mas, pelo contrário, possui uma natureza multiperspectivada” (SCHMIDT; BARCA, 2009, p. 12).

Também está permeada por diversos preceitos, como centrar-se nas ideias históricas de quem ensina e de quem aprende (os professores e alunos), bem como observar sistematicamente o real e não centrar-se apenas nos formalismos e recursos da aula, que são fatores que contribuem para a aprendizagem, mas, nesse ínterim, não devem ser o foco (BARCA *apud* CORREIA, 2012, p. 181).

Sobre o ensino de História, em pesquisa realizada no ano de 2013, analisando a narrativa de jovens sobre a história do Brasil e do Mundo, Maria Auxiliadora Schmidt concluiu:

Apesar de evidenciarem marcadores relacionados a guerras, conflitos, ditaduras, terrorismo, como impulsionadores de mudanças, numa clara demonstração de que entendem que a História “não é cor de rosa”, causa preocupação o fato de que essa percepção, entre os jovens pesquisados, não vem acompanhada de posicionamentos ou argumentos de que esses marcadores estejam articulados a processos de desumanização da própria humanidade e não evidenciam o envolvimento desses jovens na história do país e do mundo (SCHMIDT, 2015, p. 13).

É imprescindível, então, que o professor de História atue como mediador para que os estudantes possam aprender de maneira significativa, tornando-se competentes em História. Isabel Barca (2011) defende que esta competência tem diversos significados, como saber ler fontes históricas e confrontá-las em suas intenções, saber selecionar fontes para verificar hipóteses e criar novas hipóteses, e, sobretudo, no que diz respeito a este estudo, “saber entender – ou procurar entender – o ‘Nós’ e os ‘Outros’, nos seus sonhos e angústias, nas suas grandezas e misérias, em diferentes tempos, em diferentes espaços” (BARCA, 2011, p. 40).

Sobre aprender História, Borries (2011) acrescenta mais uma perspectiva:

Aprender ou compreender a história não é apenas um processo cognitivo, mas também uma questão de emoções, estética e julgamentos morais. Assegurar e conectar certos pedacinhos do passado (alguns os chamam de fatos) pode ser importante, mas não é suficiente. A questão é como dar uma versão geral, válida e agradável da narrativa histórica e como lidar com os efeitos no presente. O ato mental de assimilar, digerir e superar histórias opressivas é decisivo (BORRIES, 2011, p. 168).³

Com isto, entendemos que é essencial que o aluno tenha a compreensão dos efeitos do passado em seu presente cotidiano. Sobretudo em relação às histórias opressivas, ou difíceis, que abordaremos

³ Learning or grasping history is not a cognitive process alone, but also a question of emotions, aesthetics and moral judgments. To secure and connect certain little pieces of the past (some call them facts) may be important, but is not enough. The question is, how to give a general, valid, and agreeable version of the historical narrative and how to handle the effects for the present. The mental act of assimilating, digesting and overcoming burdening histories is decisive (BORRIES, 2011, p. 168).

mais adiante, é imprescindível que haja espaço, nas salas de aula, para o exaustivo ato de digerir, assimilar e interpretar estas histórias, de maneira que a aprendizagem seja significativa e envolva as emoções, a estética e a criação de narrativas históricas válidas pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Lucas Nechi coloca que esse novo humanismo proposto por Rüsen pode trazer contribuições para o ensino de História, pois há a possibilidade de os jovens “sejam humanizados por meio do ensino de História”, de maneira “ que o aprendizado histórico favoreça o desenvolvimento da capacidade de fazer sujeitos reconhecerem reciprocamente o valor intrínseco da vida e da dignidade humana a partir do reconhecimento do outro” (NECHI, 2017, p. 44), seja este outro vindo de outros países, outras religiões, outras etnias. Podemos ainda falar do outro do passado, entendendo que, por maiores que sejam as diferenças entre nações, povos e culturas, e por mais distantes que os jovens estudantes estejam de algo ou alguém no tempo e no espaço, é necessário que reconheçam este valor da vida e da dignidade humana, levando a discussões e reflexões a partir do tempo em que vivem e, também, sobre ele. Nechi (2017) defende também o papel humanizador da educação, afirmando que as sociedades em que “os sujeitos são apartados da relação com o passado são desumanizadas”, e a disciplina de História na escola é algo de interesses e debates por parte das autoridades por ser carregada de “consequências políticas de sua função humanizadora” (NECHI, 2017, p. 17).

O ensino de História do Holocausto é regulamentado por diversos documentos. Citaremos aqui dois em especial. Um deles é um guia de políticas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) denominado “Educação sobre o Holocausto e para a prevenção do genocídio”. A UNESCO foi criada em 1945 “em resposta aos horrores da Segunda Guerra Mundial e particularmente aos crimes perpetrados pela Alemanha nazi e pelos seus colaboradores (UNESCO, 2019, p. 5)”. A partir deste guia, entende-se que

A educação – principalmente a história e a educação cívica – pode desempenhar um papel fundamental ao fornecer um fórum para abordar o passado, promovendo simultaneamente os conhecimentos, capacidades, valores e atitudes que ajudam a prevenir a ocorrência ou recorrência de violência dirigida a um grupo. A educação sobre o Holocausto é um empreendimento desse tipo (UNESCO, 2019, p. 13).

O segundo documento intitula-se “Recomendações para o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto”, de 2019, publicado pela International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) – em português, Aliança Internacional para a Memória do Holocausto. Trata-se de uma organização internacional criada com o intuito de divulgar e preservar a memória do Holocausto, que “reúne governos e peritos para consolidar, desenvolver e promover a educação, pesquisa e memória sobre o Holocausto” (IHRA, 2019). Portanto, ensinar sobre o Holocausto é relevante pois

Além de transmitir aos alunos conhecimento sobre um acontecimento que desafiou profundamente os valores humanos, ensinar e aprender sobre o Holocausto dá-lhes

a oportunidade de compreenderem alguns dos mecanismos e processos que conduziram ao genocídio e as escolhas que foram feitas para acelerar, aceitar ou resistir ao processo de perseguição e assassinato, reconhecendo que foram feitas, muitas vezes, em circunstâncias extremas (IHRA, 2019, p. 4).

Portanto, ensinar a História do Holocausto engloba questões que vão além da História de um povo ou nação específicos. O Holocausto gerou questões e consequências que, na visão de diversos autores, como Jörn Rüsen (2012, 2021), criaram novos paradigmas para pensar, inclusive, a questão da humanidade, do que (ou quem) é ou não humano, e de que forma isto afeta as discussões sobre o ensino de História na escola. Para isto, é necessário entender o conceito de história difícil e as discussões que ele abarca.

HISTÓRIA DIFÍCIL

O conceito “*burdening history*” tem diversas traduções para o português, como história traumática, pesada, tensa, difícil. Aqui, adotamos a tradução “história difícil” por acreditar que o termo abarca a complexidade de ensinar e aprender história do Holocausto, que não é fácil nem para professores nem para alunos. Não é fácil tanto no sentido de lidar com os eventos traumáticos do Holocausto na hora de ensinar quanto, efetivamente, apreender a relevância deste aprendizado para a vida cotidiana.

Para tanto, nos pautamos nas discussões de Bodo von Borries sobre “*burdening history*”. O autor coloca que “a História só é aprendida efetivamente sobre três condições: se novos *insights* podem ser ligados a antigos, se ela está conectada a emoções -negativas ou positivas – e se ela é relevante para vida” (BORRIES, 2011, p. 165).⁴ Para ele, os casos de heroísmo e glória parecem fáceis, mas as experiências que ele chama de “*burdening*” são muito mais difíceis, e um exemplo disto é o Holocausto. Ele continua e afirma: “É bastante claro que *aprender* significa mais do que a investigação científica, e inclui tanto um conflito mental quanto uma mudança: lidar com a história difícil é um problema de *elaboração* mental, tal como as atividades intelectuais.” (BORRIES, 2011, p. 165. Grifos do autor).⁵

A aprendizagem da história difícil “não é apenas um processo cognitivo de aquisição de conteúdo, mas envolve um trabalho de autoconhecimento matizado por emoções, percepções estéticas e julgamentos morais” (SCHMIDT; CAINELLI; MORALLES, 2018, p. 491). Todas estas questões estão envolvidas no ensino do Holocausto, mesmo com jovens brasileiros que estão distantes espacialmente e temporalmente de tal experiência traumática do século passado.

⁴ History is only learnt effectively under three given conditions: if new insights can be linked up with old ones, if it is connected to – negative or positive – emotions and if it is relevant in life (BORRIES, 2011, p. 165).

⁵ It is quite clear that learning means more than scientific investigation, it includes a mental conflict as well as change: Coping with burdening history is a problem of mental working through as well as of intellectual activities (BORRIES, 2011, p. 165).

HUMANISMO

Rüsen entende o humanismo enquanto “um recurso fundamental e uma referência para a natureza cultural dos humanos na orientação da vida humana, bem como um alinhamento desta com o princípio da dignidade humana” (RÜSEN, 2015, p. 25). De acordo com o autor, o termo “surgiu na Europa no final do século XVIII e início do século XIX. Acompanhou novas ideias sobre a vida humana, com ênfase especial no ensino superior. Os termos básicos de compreensão e interpretação do mundo humano adquiriram um novo significado” (RÜSEN, 2021, p. 05)⁶. Este termo, portanto, abarca as questões relativas ao ser humano e à dignidade humana. Baseia-se nas ideias ocidentais (sobretudo, europeias) de ser humano. Explica Rüsen:

Atribuir dignidade a todo e qualquer ser humano poderia ser uma definição geral de humanismo. Em sua versão moderna, esse humanismo enfatiza quatro princípios da vida humana: (1) a razão humana como a habilidade de tornar as próprias ideias plausíveis por meio de argumentação; (2) liberdade de vontade própria para orientar todas as atividades na vida social; (3) a criatividade de produzir formas de vida peculiares em uma ampla escala de diferenças e mudanças; e (4) a intersubjetividade de negociar essas diferenças sob a regra do reconhecimento crítico mútuo (RÜSEN, 2021, p. 5).⁷

E o que o Holocausto significa para as discussões sobre o humanismo? Rüsen questiona: “Como pode o humanismo, que reivindica uma qualidade normativa universal para cada ser humano simplesmente porque ele ou ela é um ser humano, entrar em acordo com essa experiência de desumanização radical e universal?” (RÜSEN, 2021, p. 82).⁸ Com esta questão, o autor propõe a elaboração de um novo humanismo, que deve ser pensado “para responder ao desafio do Holocausto como um evento histórico e preparar o terreno para um novo humanismo no pensamento histórico”, de maneira que “uma nova estratégia de geração de sentido histórico e uma nova categoria de pensamento histórico devem ser introduzidas” (RÜSEN, 2021, p. 83). Estas categorias

[...] abrem dimensões da experiência e possibilidades de interpretá-las. E a geração de sentido é a maneira pela qual tal interpretação é realizada. A nova estratégia que deve ser introduzida no pensamento histórico é o luto, como atividade intelectual e a nova categoria deve ser o sofrimento. (RÜSEN, 2021, p. 83).⁹

⁶ The term “humanism” came about in Europe at the end of the 18th and the beginning of the 19th century. It went along with new ideas in human life, with a special emphasis on higher education. The basic terms of understanding and interpreting the human world had acquired a new meaning (RÜSEN, 2021, p. 5).

⁷ Attributing dignity to each and every human being could be a general definition of humanism. In its modern version this humanism emphasizes four principles of human life: (1) human reason as the ability to make one’s own ideas plausible by argumentation; (2) freedom of one’s own will in guiding all activities in social life; (3) the creativity of bringing about peculiar life forms in a broad scale of differences and changes; and (4) the inter-subjectivity of negotiating these differences under the rule of mutual critical recognition (RÜSEN, 2021, p. 5).

⁸ How can humanism, which claims a universal normative quality for every human being simply because he or she is a human being, come to terms with this experience of radical and universal dehumanization? (RÜSEN, 2021, p. 82).

⁹ In order to answer the challenge of the Holocaust as a historical event, and to prepare the ground for a new humanism in historical thinking, a new strategy of historical sense-generation and a new category of historical thinking therefore should be introduced. Categories open up dimensions of experience and possibilities of interpreting them. And sense-generation is the

A questão do luto também é abordada por Borries (2011), quando fala da história difícil:

O sentimento decisivo no caso da história difícil é – ou deveria ser – o luto (Liebsch/Rüsen, 2001). Mas o que é luto? Na vida privada, associamos isso à piedade – e também à autopiedade. O luto é lidar com uma perda, com um buraco na vida, com a dolorosa ausência de uma pessoa ou relação amada. Especialistas em psicanálise referem-se ao luto como trabalho, assim, trabalhar através da história, trabalho de comemoração e trabalho de luto tornam-se muito semelhantes. [...] No caso das cargas mentais da história, temos que perguntar seriamente quais elementos constituem o sentimento de luto. Após o Holocausto, por exemplo, por quem os jovens alemães de 2010 estão de luto, se estão: Os judeus e eslavos assassinados – ou a honra perdida, a inocência, a autoestima e o território de seus bisavós? Com quem e por quem eles estão de luto? (BORRIES, 2011, p. 167-168).¹⁰

A categoria “luto” é, portanto, algo a ser discutido quando abordamos a história difícil do Holocausto em sala de aula. O professor deve ter em mente estas questões postas por Borries: com quem e por quem os jovens alemães da atualidade estão de luto? De que maneira esta história difícil do Holocausto afeta jovens brasileiros nos tempos atuais? Como podemos abordar em sala de aula os horrores do Holocausto de maneira a sensibilizar e desenvolver a consciência histórica desses jovens estudantes?

A pesquisa que está sendo desenvolvida pretende responder a algumas destas questões, entendendo que o trabalho com a história difícil é essencial para a aprendizagem histórica e o desenvolvimento da consciência histórica, mesmo que a história do Holocausto possa, em um primeiro momento, parecer distante para os jovens estudantes brasileiros.

Rüsen (2021) propõe que, para elaborar um humanismo que seja novo e com ideias universais, são necessárias “regras interculturalmente válidas para a comunicação intercultural [...]. Essas regras podem ser justificadas pela referência à qualidade básica atribuída a todo ser humano pelo humanismo: a dignidade, como um fim em si mesmo e não apenas um meio para os outros” (RÜSEN, 2021, p. 11).¹¹

A base para este novo humanismo é, portanto, “[...] uma antropologia em que a cultura – a habilidade humana de atribuir sentido ao mundo – não é simplesmente uma ferramenta para perseguir

way such an interpretation is brought about. The new strategy which should be introduced into historical thinking is *mourning*, as an intellectual activity and the new category should be *suffering* (RÜSEN, 2021, p. 83).

¹⁰ The decisive feeling in the case of burdening history is – or should be – mourning (Liebsch/Rüsen 2001). But what is mourning? In private life, we associate it with pity – and also self-pity. Mourning is coping with a loss, with a hole in one’s life, with the hurting absence of a beloved person or relation. Psychoanalysis experts refer to mourning as work, thus working through history, work of commemoration, and work of mourning become very similar. [...] In the case of mental burdens from history, we seriously have to ask which elements constitute the feeling of mourning. After the Holocaust for instance, who are the young Germans of 2010 mourning for, if they mourn: The murdered Jews and Slavs – or the lost honor, innocence, self-esteem, and and territory of their great-grandfathers? Who do they mourn together with? (BORRIES, 2011, p. 167-168)

¹¹ interculturally valid rules for intercultural communication [...]. These rules can be justified by referring to the basic quality ascribed to every human being by humanism: dignity, as being an end in itself and not only a means for the purpose of others (RÜSEN, 2021, p. 11).

interesses, mas também um modo de conceituá-los” (RÜSEN, 2021, p. 80).¹² Rösen é categórico ao afirmar:

Como já salientei várias vezes, há muitos argumentos a favor da criação de um novo humanismo para resolver o problema da comunicação intercultural no processo de globalização de hoje. Nesse processo, diferentes tradições culturais devem chegar a um acordo com suas diferenças. Ao mesmo tempo, eles devem estar familiarizados com a necessidade de um conjunto de valores transculturais, que possam resolver conflitos de forma pacífica e sustentável (RÜSEN, 2021, p. 80).¹³

Rösen (2021) continua esta discussão, afirmando que esta busca por um novo humanismo universal ainda deve enfrentar as experiências duras da história. Para ele, “É bastante fácil postular valores humanísticos como uma diretriz para o encontro e a comunicação interculturais, mas é difícil tornar plausível esse conjunto de valores humanísticos, trazê-lo à realidade, dar-lhe um lugar na vida real e torná-lo eficaz ao longo da história”, sendo que “a prova mais dura entre muitas no abismo histórico é o Holocausto” (RÜSEN, 2021, p. 80).¹⁴

CONCLUSÃO

Em suma, nosso objetivo foi trazer parte das discussões teóricas sobre o humanismo, o novo humanismo de Jörn Rösen e o ensino da história difícil, com enfoque no ensino do Holocausto. Entendemos que a aprendizagem da história pode e deve levar os estudantes à reflexão e à orientação de sua vida no presente, entendendo e respeitando o outro do passado, desenvolvendo sua consciência histórica a partir do entendimento de que os eventos históricos como o Holocausto, sobretudo por ser tratar de um trauma histórico, não podem ser pensados isolados em seu tempo, e não podem ficar esquecidos. É sempre essencial pensar que partimos das questões e problemáticas do presente para poder estudar e compreender o passado – portanto, estudar História diz sobre as carências de orientação que apresentamos no nosso cotidiano, sobretudo em tempos de novo humanismo.

REFERÊNCIAS

BARCA, I. O papel da educação histórica no desenvolvimento social. In: CAINELLI, M. SCHMIDT, M. A. (org.). *Educação histórica: teoria e pesquisa*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

¹² Such an anthropology, where culture – the human ability of making sense of the world – is not simply a tool for pursuing interests but also a mode of conceptualizing them, is a basis for a new humanism (RÜSEN, 2021, p. 80).

¹³ As I have already pointed out several times, there are a lot of arguments in favor of creating a new humanism to solve the problem of intercultural communication in the globalizing process of today. In this process, different cultural traditions should come to terms with their difference. At the same time, they should be acquainted with the necessity of a trans- or cross-cultural set of values, which can solve conflicts in a peaceful and sustainable way (RÜSEN, 2021, p. 80).

¹⁴ It is rather easy to postulate humanistic values as a guideline for intercultural encounter and communication, but it is difficult to make this humanistic set of values plausible, to bring it down to earth, and to give it a place in real life, and make it effective in the course of history. And the harshest proof among many in the historical abyss will be the Holocaust. So it is the intention of this chapter to confront this plea with the historical experience of the Holocaust (RÜSEN, 2021, p. 80).

BORRIES, B. von. Coping with burdening history. In: BJERG, H.; LENZ, C.; THORSTENSEN, E. (ed.). *Historicizing the Uses of the Past*. Scandinavian Perspectives on History Culture. Historical Consciousness and Didactics of History Related to World War II. Bielefeld: Transcript - Verlag für Kommunikation, Kultur und soziale Praxis, 2011. 165-185.

CORREIA, J. dos S. O uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance *Úrsula* (final do século XIX). *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-201, jul.-dez. 2012. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=456839>.

GAGO, M. Entrevista - Jörn Rüsen. Algumas Ideias Sobre a Interseção da Meta-História e da Didática da História. *História Hoje*, v. 5, n. 9, p. 159-170, 2016.

IHRA. *Recomendações para o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto*. 2019.

NECHI, L. P. *O novo humanismo como princípio de sentido da didática da história: reflexões a partir da consciência histórica de jovens ingleses e brasileiros*. 293 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

RÜSEN, J. Humanism in response to the Holocaust: destruction or innovation? *Postcolonial Studies*, v. 11, n. 2, p. 191-200, 2008.

RÜSEN, J. Formando a Consciência Histórica: por uma didática humanista da História. *Antíteses*, Londrina, v. 5, n.1 0, p. 519-536, jul.-dez. 2012.

RÜSEN, J. *Humanismo e didática da história*. Org. e trad. de Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Marcelo Fronza e Lucas Pydd Nechi. Curitiba: W.A. Editores, 2015.

RÜSEN, J. *Humanism: foundations, diversities, developments*. 1ª Ed. Nova York: Routledge, Taylor & Francis Group. 2021.

SCHMIDT, M. A. Aprendizagem da “burdening history”: desafios para a educação histórica. *Mneme: Revista de humanidades*. Caicó, v. 16, n. 36, p. 10-26, jan.-jul. 2015.

SCHMIDT, M. A.; BARCA, I. *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M.; MIRALLES, P. As pessoas tentam, mas a história difícil não é facilmente descartada: o lugar dos temas controversos no ensino de história. *Antíteses*, v. 11, n. 22, p. 484-492, jul.-dez. 2018.

SILVA, M. da C. Educação histórica: perspectivas para o ensino de história em Goiás. *Saeculum*, João Pessoa, n. 24, p. 197-211, jan./jun. 2011.

UNESCO. *Educação sobre o Holocausto e para a prevenção do genocídio*. Portugal: UNESCO, 2019.

Data de submissão: 07/07/2022

Data de aprovação: 26/09/2022

Copyright (c) 2022 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).